



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

BRENNA KÉSIA DE SOUSA COSTA

**PROPOSTA DE AVALIAÇÃO SOCIAL: ATITUDES LINGUÍSTICAS SOBRE AS
PLOSIVAS ALVEOLARES /T/ E /D/**

MOSSORÓ

2021

BRENNNA KÉSIA DE SOUSA COSTA

PROPOSTA DE AVALIAÇÃO SOCIAL: ATITUDES LINGUÍSTICAS SOBRE AS
PLOSIVAS ALVEOLARES /T/ E /D/

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Chicon Alves

MOSSORÓ

2021

Caalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

C837p Costa, Brenna Késia de Sousa
PROPOSTA DE AVALIAÇÃO SOCIAL: ATITUDES
LINGUÍSTICAS SOBRE AS PLOSIVAS ALVEOLARES T E
D. / Brenna Késia de Sousa Costa. - Mossoró, 2021.
50p.

Orientador(a): Prof. Dr. Gilson Chicon Alves.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Sociolinguística. 2. Avaliação e Atitudes Linguísticas. 3.
Preconceito Linguístico. I. Alves, Gilson Chicon. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

BRENNA KÉSIA DE SOUSA COSTA

PROPOSTA DE AVALIAÇÃO SOCIAL: ATITUDES LINGUÍSTICAS SOBRE AS
PLOSIVAS ALVEOLARES /T/ E /D/

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em 11/11/2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilson Chicon Alves - UERN
Orientador

Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa - UERN
Examinador

Prof. Dr. Antônio Felipe Aragão dos Santos - UERN
Examinador

Dedico este trabalho a todos que apreciam
à diversidade linguística existente no
Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado em cada passo e por ter me permitido chegar até aqui, longo foi o percurso, mas posso dizer que até aqui o Senhor me ajudou.

À minha amada família por sempre me apoiar em todos os momentos ao longo dessa jornada, especialmente aos meus amados pais Andréa Costa e Joacir Costa por darem-me o suporte necessário, aos meus queridíssimos avós João e Francisca, Evilásio e Maria, por cada oração, e aos meus irmãos Israel Costa e Fernanda Costa, pelo encorajamento.

Ao meu orientador Professor Doutor Gilson Chicon Alves, pela oportunidade de ser sua orientanda, por colaborar de maneira decisiva na escolha da temática deste trabalho e por estar sempre disponível me ajudando e me norteando em toda esta pesquisa.

Ao professor doutor Edgley Freire Tavares, pela competência e responsabilidade em ensinar a disciplina de Seminário de Monografia II, nos fazendo refletir sobre o andamento das pesquisas em cada aula.

Ao Professor Doutor José Roberto Alves Barbosa e ao Professor Antônio Felipe Aragão dos Santos, por aceitarem ser membros da banca examinadora.

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e à Faculdade de Letras e Artes (FALA), por terem me proporcionado grandes aprendizados.

Aos meus colegas de turma pelo companheirismo e por cada incentivo, especialmente minhas queridas amigas, Camila Steffany, Daniani Valle e Letícia Lopes.

Aos demais amigos que me ajudaram com palavras de apoio.

“Não havendo ainda palavra alguma na minha língua, eis que logo, ó Senhor, tudo conheces.

Tu me cercaste por detrás e por diante, e puseste sobre mim a tua mão. Tal ciência é para mim maravilhosíssima; tão alta que não a posso atingir.” (Salmos 139: 4-6)

RESUMO

Os estudos sobre avaliação social e atitudes linguísticas objetivam avaliar o que determinados indivíduos explicitam sobre si e sobre outros em relação à fala. Nesta pesquisa, propomos uma avaliação social focando nas atitudes linguísticas sobre as plosivas alveolares /t/ e /d/, caracterizadas pela não palatalização precedendo a vogal “i”. Essa variação pode ser encontrada em alguns lugares pertencentes ao Nordeste Brasileiro. Tendo em vista a problemática do preconceito linguístico com algumas variações presentes no sotaque nordestino, por meio deste trabalho trouxemos uma proposta de avaliação social, para saber se as pessoas que falam com a ausência da palatalização, no caso das consoantes escolhidas, representadas foneticamente por /t/ e /d/, sofrem preconceito devido ao sotaque diferenciado do que muitos consideram como a forma “padrão” de falar. Como proposta para abordagem da avaliação social, trouxemos um questionário como instrumento que pode ser utilizado para entrevistar pessoas que não pratiquem na fala o fenômeno da palatalização. Destarte, propomos questões abertas para que os falantes expressem de maneira livre suas perspectivas e atitudes acerca de sua variante, e também trouxemos questões baseadas no modelo da escala de Osgood, porém, a escala que utilizamos foi uma adaptada de acordo com Cardoso (2015), para que obtenhamos resultados mais específicos, e para que não haja neutralidade em relação às respostas, sendo possível, por mínimo que sejam os resultados, obter e detectar os níveis de atitudes dos falantes. É necessário mencionar que este trabalho é um estudo inicial e pretendemos posteriormente atuar na intervenção do que foi proposto. Além disso, é importante ressaltar que este tipo de avaliação social pode modificar as crenças e os pensamentos negativos acerca de algumas variações linguísticas vítimas de preconceito, pois por meio da área da Sociolinguística sob a perspectiva da Teoria Variacionista de William Labov, é defendida a diversidade do modo de falar das pessoas, considerando o aspecto heterogêneo da língua. Portanto, as questões apresentadas neste trabalho monográfico trazem reflexões acerca da língua que podem ser discutidas com aqueles que forem entrevistados, ampliando a visão sobre a variação linguística e valorizando as pluralidades e peculiaridades das variantes existentes.

Palavras-chave: Sociolinguística. Avaliação e Atitudes Linguísticas. Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

Studies on social assessment and linguistic attitudes aim to assess what certain individuals explain about themselves and others in relation to speech. In this research, we propose a social evaluation focusing on linguistic attitudes about the alveolar stops /t/ and /d/, characterized by non-palatalization preceding the vowel “i”. This variation can be found in some places belonging to the Brazilian Northeast. In view of the problem of linguistic prejudice with some variations present in the northeastern accent, through this work we bring a proposal for social evaluation, to find out if people who speak with the absence of palatalization, in the case of chosen consonants, phonetically represented by /t/ and /d/, suffer prejudice due to the accent differentiated from what many consider as the “standard” way of speaking. As a proposal to approach social assessment, we brought a questionnaire as an instrument that can be used to interview people who do not practice the phenomenon of palatalization in speech. Thus, we propose open questions for speakers to freely express their perspectives and attitudes about its variant, and we also bring questions based on the Osgood scale model, however, the scale we used was adapted according to Cardoso (2015), so that we obtain more specific results, and so that there is no neutrality in relation to the answers, being possible, however minimal the results, to obtain and detect the levels of attitudes of the speakers. It is necessary to mention that this work is an initial study and we intend later to act in the intervention of what was proposed. In addition, it is important to emphasize that this type of social assessment can modify negative beliefs and thoughts about some linguistic variations that are victims of prejudice, because through the area of Sociolinguistics from the perspective of William Labov's Variationist Theory, the diversity of the way of speaking of people, considering the heterogeneous aspect of the language. Therefore, the questions presented in this monographic work bring reflections about the language that can be discussed with those who are interviewed, broadening the view on linguistic variation and valuing the pluralities and peculiarities of the existing variants.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Assessment and Attitudes. Linguistic Prejudice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO: PRESSUPOSTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA.....	13
2.1 O que é sociolinguística?	13
2.2 No que consiste a teoria da variação?.....	16
2.3 Preconceito linguístico.....	19
2.4 Atitudes e avaliação linguística.....	22
3 UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	25
3.1 Metodologia.....	25
3.2 Proposta de intervenção.....	26
3.3 Conclusão dos resultados.....	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
5 REFERÊNCIAS.....	46
6 ANEXOS	49

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda uma proposta de avaliação social levando em consideração as atitudes linguísticas focando na forma de reprodução das plosivas alveolares /t/ e /d/. A temática do respectivo trabalho se tornou algo a ser pensado durante algumas disciplinas percorridas no curso de Letras Português, como Sociologia da Linguagem, Sociolinguística e Fonética e Fonologia, dessa forma, a escolha desta pesquisa se deve ao anseio de contribuir em como proceder nas pesquisas sobre atitudes linguísticas, possibilitando que de maneira metodológica o pesquisador obtenha respostas satisfatórias, para que, assim, o investigador conheça mais o que determinados falantes pensam acerca de sua própria fala.

A principal motivação que sustenta o presente projeto de pesquisa consiste na importância de levar em consideração os aspectos sociais e comportamentais do ser como falante, levando em conta as particularidades dos falantes inseridos na sociedade, em contextos que podem ou não inibir o ato da fala de determinados indivíduos. É necessário encarar a questão de que muitas vezes o falante pode ser tanto valorizado no espaço social em que vive, como também pode ser desvalorizado pelo seu sotaque e forma de falar.

Por meio desta pesquisa, pretende-se explicar teoricamente como pode ser feita uma avaliação social sobre atitudes linguísticas que envolvam questões sobre as formas de reprodução das plosivas alveolares /t/ e /d/. Desse modo, utilizamos com base em pesquisas bibliográficas, o questionário como instrumento que possibilite o pesquisador analisar a perspectiva que determinados indivíduos possuem sobre a forma que usam sua língua, e como veem a sua própria variação. Então, as perguntas específicas que serão propostas têm a finalidade de obter no resultado o que os sujeitos avaliados pensam sobre sua variação, no que se refere às plosivas alveolares /t/ e /d/.

Para o embasamento teórico fez-se necessária a utilização de fontes de pesquisa que trazem reflexões acerca dos aspectos da língua abordados no presente trabalho, então, utilizamos obras como; Bagno (2007), Cardoso (2015), Cezario e Votre (2008), Mollica (2015), Calvet (2002), entre outras.

É necessário mencionar que a presente pesquisa se diferencia por abordar teoricamente como esse tipo de pesquisa pode ser executada. Além disso, é

preciso mencionar que as questões também envolverão a relação de prestígio ou desprestígio quanto à forma de uso reproduzida.

A teoria da variação de William Labov irá nortear esta pesquisa, porque traz em uma de suas questões, o conceito de que a língua passa por variações no decorrer do tempo e também dependem do espaço em que é utilizada. Algo importante a ser considerado é o fato de que cada falante traz consigo sua própria identidade, seu próprio idioleto, o que constitui o indivíduo. A variação, o dialeto utilizado pelo falante pode ser valorizado ou discriminado, pode ser tanto elevado socialmente quanto diminuído. Nesta perspectiva entra a problemática de que as variantes consideradas mais informais são vistas como inadequadas.

Diante do que foi posto até então, torna-se necessário mencionar que pretendemos posteriormente aplicar esta proposta de intervenção, por isso, optamos por refletir nos procedimentos metodológicos anteriormente a uma aplicação, para que dessa forma a prática deste projeto seja bem estruturada e embasada teoricamente no passo a passo, e em como proceder diante do tipo de pesquisa de avaliação social sobre atitudes linguísticas. Sendo assim, esta pesquisa se trata de um trabalho inicial a qual no futuro será feita a intervenção.

Esta pesquisa permite que estudiosos da área tenham acesso à uma proposta de avaliação social, e compreendam como agir metodologicamente nesse processo, entendendo a importância de cada questão proposta para esse tipo de investigação. Além disso, o pesquisador terá acesso à percepção que determinados falantes têm de si em relação aos demais.

Destarte, pode-se dizer também que contribui na área acadêmica da sociolinguística variacionista, pois a temática tratada é referente às questões acerca da língua falada, envolvendo variação, contexto e cultura. Pode-se dizer também que este trabalho se torna relevante por contribuir socialmente, ajudando na compreensão daqueles que querem entender mais sobre esse tipo de abordagem, porque leva em consideração à relação língua, sujeito e sociedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: PRESSUPOSTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é uma das ramificações da Linguística, e nessa área são feitos estudos que abordam as atitudes e avaliação linguística. Esse tipo de estudo revela o que determinados sujeitos pensam acerca da maneira que usam a língua e sua respectiva variedade, dessa forma, contribuindo na compreensão sobre o comportamento linguístico de determinados indivíduos.

Nessa perspectiva, iremos permear em alguns conceitos importantes que estão ligados a esta pesquisa. Sendo assim, traremos o conceito da Sociolinguística, explicando sobre o que ela acredita e defende, explicitaremos sobre a teoria da variação, pois ela é estudada por meio da Sociolinguística, entraremos na problemática do preconceito linguístico, que é decorrente da não aceitação à algumas variações linguísticas, e por fim, discorreremos sobre do que se tratam os estudos de atitudes e avaliação linguística.

2.1 O que é sociolinguística?

Para compreender o que é a Sociolinguística e entender o que ela estuda, é necessário nos ater a alguns pontos históricos de como surgiu essa área de estudo. A sociolinguística surgiu como ciência na década de 1960 nos Estados Unidos, em decorrência da Linguística, como uma de suas ramificações. Muitos cientistas com a liderança de William Labov, resolveram unir os estudos da língua considerando os aspectos sociais, no sentido de que são indissociáveis para entender as variações e as mudanças que ocorrem em seu interior (BAGNO, 2007, p. 28).

Para adentrarmos nos princípios teóricos da Sociolinguística, primeiramente iremos contextualizar os estudos linguísticos do século XX. Pois justamente nesse século, especificamente em 1916, foi publicada a obra *Cours de linguistique Générale*, que revolucionou os estudos linguísticos, baseado nas concepções de Ferdinand de Saussure acerca da língua. Porém, vale ressaltar que a obra não foi escrita por Saussure, mas sim por seus alunos que frequentavam os cursos que ele ministrava na universidade de Genebra, local em que ele trabalhou de 1891 até 1913, ano em que faleceu.

De acordo com Benveniste (1988), Saussure foi considerado como precursor do estruturalismo, isso pelo fato de que ele situou em seus estudos linguísticos a

noção de termos são dependentes em um todo que é solidário. Porém, é importante mencionar que Saussure nunca fez o uso do termo “estrutura”, ele se preocupou em descrever o funcionamento da língua como um “sistema”.

Posteriormente em 1957, surgiu uma corrente da Linguística, o Gerativismo, que conforme Murad (2011, p.349):

[...]é uma corrente derivada do funcionalismo, com princípios, premissas e axiomas próprios e distintos e que se baseia no fato de que a linguagem é um produto (ou output) de uma faculdade própria de um órgão interno, que é a mente ou cérebro. A linguagem é denominada de gramática que determina uma infinidade de expressões lingüísticas. Em outras palavras, a língua, que é inata ao homem, e portanto, interna, “geraria” as expressões da linguagem. Daí o termo “gramática gerativa”.

Tanto o Estruturalismo como o Gerativismo são paradigmas que fundamentam diversas pesquisas nos estudos da linguagem. Podemos diferenciar esses termos, ou melhor, conceitos da seguinte forma; no estruturalismo a língua é vista como uma estrutura, em que há um sistema, e nesse sistema existem diversos elementos onde cada um tem sua função, ou valor, neste, o objeto de estudo é a língua. Já o Gerativismo defende que os seres humanos possuem uma capacidade inata para falar, neste, o objeto de estudo é a competência.

Basicamente e resumidamente, os estudos teóricos linguísticos de Saussure, fundador dos conceitos que posteriormente foram nomeados por Estruturalismo, indicavam que a língua é existente por si mesma, como uma estrutura autônoma, livre de fatores externos, e de acordo com Chomsky, fundador do Gerativismo, a língua é vista como um sistema de princípios universais, e é algo inato no ser humano.

Essas teorias faziam com que o conceito de língua fosse visto apenas pelo viés das unidades linguísticas (fones, fonemas, morfemas, sintagmas e orações). Era até então de interesse da linguística se preocupar com a descrição das línguas no quesito estrutural, e dessa forma os aspectos sociais não eram incluídos nos estudos linguísticos.

Contudo, William Labov em seus estudos articulou a relação entre língua e sociedade, trazendo uma nova perspectiva sobre a língua, como variável, contínua e quantitativa. A partir do momento em que a relação entre língua e sociedade passou a ser percebida como algo intrínseco, por estarem interligadas, a língua passou a ser estudada não apenas em sua estrutura por si mesma, mas passou a ser estudada levando em conta os fatores contextuais que a envolve.

De acordo com Cezario e Votre (2008, p.241):

A sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. O sociolinguísta se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. O estudo procura verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início ou se completou uma trajetória que aponta para mudança.

A partir disso, podemos entender que a Sociolinguística se aprofunda nos processos de variação que ocorrem na língua, observando a manifestação verbal do indivíduo, para detectar as variedades, procurando então compreender quais fatores são responsáveis pela ocorrência de tais variações, verificando como acontece essa trajetória, tendo como objetivo compreender de maneira justificável os fatores que influenciam as alterações e no que resultam.

De acordo com Mollica (2015), a Sociolinguística tem a funcionalidade de investigar o grau tanto de estabilidade quanto de mutabilidade das variações. Sobre o conceito de Sociolinguística, *Ibidem*, p.9, declara que é:

[...] uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos.

A Sociolinguística visa não apenas a língua por si própria, mas leva em conta o contexto de uso, observando como o meio social traz influências sobre ela, e como a altera. Os estudos sociolinguísticos evidenciam a relação entre os reflexos contextuais e a língua, o que faz da Sociolinguística uma área de estudo interdisciplinar.

Sobre este mesmo viés Cezário e Votre, (2011, p. 141) conceituam a Sociolinguística como: “área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. Em decorrência disso, temos através dos estudos sociolinguísticos, estudos que objetivam compreender a ligação direta entre a estrutura da língua e o meio social, buscando respostas sobre como são produzidos os efeitos do meio sobre a língua, e no que isso resulta, refletindo também nos aspectos culturais envolvidos.

Em virtude dessa ligação entre o estudo da língua e o meio social, é importante mencionar que os estudos de Labov foram fundamentais para a visão da língua como algo inerente ao social. Sobre a importância desta perspectiva Alkmin (2001, p. 21) menciona que a “Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano.” Podemos então dizer que a ligação entre a linguagem e sociedade funcionam mutuamente, pois ocorre uma dinâmica onde uma influencia a outra concomitantemente, por essa razão é preciso estudar uma considerando a outra.

Para Cezário e Votre, (2011) a Sociolinguística é também chamada de “Sociolinguística Variacionista” ou “Teoria da variação”. Sobre o funcionamento dessa área, Cezário e Votre (2011, p. 141-142) postulam que:

Possui uma metodologia bem delimitada que fornece ao pesquisador ferramentas para estabelecer variáveis, para coleta e codificação de dados, bem como instrumentos computacionais para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar. A abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia-a-dia.

Em suma, a Sociolinguística estuda as variações linguísticas, e esses estudos são feitos de uma forma esquematizada, o que evidencia ainda mais a sistematicidade da língua, comprovando que ela não é um caos desordenado. Dessa forma, a Sociolinguística obtém por meio das próprias variáveis, como se dão as regularidades, trazendo explicações para a ocorrência da heterogeneidade da língua. Diante dessas reflexões é importante mencionar que na área da sociolinguística existe uma grande quantidade de linhas de pesquisa, que estão interligadas pelo objetivo de analisar as relações existentes entre a língua e sociedade. (BRIGHT,1974). Sendo assim, podemos compreender que a Sociolinguística procura entender o funcionamento da língua vinculada a esfera social.

2.2 No que consiste a teoria da variação?

A Teoria da variação foi fundamentada pelo estadunidense William Labov. Esta, leva em conta a língua em seu contexto sociocultural, partindo do aspecto heterogêneo da língua, considerando sua diversificação influenciada por fatores que

estão além do sistema linguístico. De acordo com Mollica (2003, p. 10), "ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível". Desse modo, a língua é vista por meio da teoria da variação como heterogênea, o que faz da língua um sistema dinâmico e diversificado.

Apesar da diversificação, a ocorrência da variação não faz com que o sistema da língua seja visto de forma desordenada, muito pelo contrário, faz com que seja visto por uma ótica organizada e sistemática, no sentido de que a língua é compreendida por aqueles que fazem uso dela. A exemplo disso, podemos observar as comunidades que se entendem quando dialogam, isso só comprova que a variação é estruturada.

No que tange à variação, sob a perspectiva da Sociolinguística, Calvet (2002), traz a questão de que em uma comunidade linguística, existem as várias possibilidades de representações de determinados elementos linguísticos, como por exemplo, os elementos fonéticos, morfológicos, sintáticos, entre outros, e isso acontece de diferentes maneiras. Além disso, Calvet (2002, p. 156) também explana que: "A sociolinguística se caracteriza pelo reconhecimento da variação linguística como constitutiva das línguas humanas e por assumir essa heterogeneidade natural como objeto de estudo". Nessa ocorrência, temos então a heterogeneidade da língua humana como objeto de análise e investigação.

Essa heterogeneidade é toda sistematizada e traz à língua regras variáveis, estas se referem a duas ou mais formas linguísticas, que decorrem em um mesmo contexto. Optar por uma forma dependerá de alguns fatores, que para Monteiro (2000, p. 58), vão depender "tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social". Em contrapartida das regras variáveis, há as regras invariáveis, estas, não podem ser alteradas.

As invariáveis estão relacionadas ao sistema linguístico que não pode ser alterado, pelo motivo de tornar inviável ou dificultar a compreensão de determinado enunciado. De acordo com Monteiro (2000), Labov (1972) traz uma outra distinção acerca das regras variáveis e invariáveis. Expondo que as regras variáveis têm função comunicativa e estão mais direcionadas a aspectos estilísticos e expressivos, enquanto as regras invariantes não têm essa função.

A variação torna perceptível o aspecto heterogêneo da língua, e dentro dessa perspectiva existem alguns termos específicos que é necessário mencionar, são eles; variação, variedade, variável e variante.

A variação é o que temos comentado até então, conceituando de forma mais específica, Tarallo (1985) traz a ideia de que a variação seria uma espécie de “caos organizado”, e que seus princípios merecem ser escrutinados. Além dessa definição, a variação também pode ser conceituada como formas alternativas de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto.

O termo variedade se refere à fala de uma comunidade de forma global, levando em conta as particularidades categóricas e variáveis. Já a variável, é o lugar que por meio da gramática detectamos ou localizamos a variação, seria então a separação das classes das variantes. E, por fim, temos o termo variante, que é conceituado por Tarallo (1987, p.8) como: “Diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade.”

O conceito de variante também pode ser relacionado ao conceito de variação. Pois a variação, se trata da forma alternativa de expressar algo em significados compatíveis, e a variante é o tipo, a classe, dessa variação identificados. As variantes, caracterizam a variação. Em suma, todos esses termos estão interligados, pois a variável se relaciona a um aspecto, ou categoria da língua, estando em variação, e as variantes equivalem a formas individuais, que competem a uma variável.

Entre o que justifica a existência das variáveis estão os fatores sociais, geográficos, culturais, sexo, e outros, que em suma envolvem o contexto que determinado sujeito está inserido. Camacho (1978) menciona tipos básicos de variação que estão diretamente relacionados a contextos, são estes: Variação Geográfica ou Diatópica, que se refere às diferenças linguísticas em relação ao espaço físico, que são perceptivelmente diferentes geograficamente; variação social ou diastrática, que tem relação com a organização sociocultural da comunidade da fala e com o conjunto de fatores relativos à identidade do falante; e por fim, a variação estilística, ou registro, que está relacionada à mudança de estilo e registro da fala de acordo com o ambiente que o falante está inserido.

Para Cagliari (1999), “todas as variedades, do ponto de vista estrutural linguístico, são perfeitas e completas entre si”, porém, é justamente por causa dos contrastes e diferenças entre essas variedades existentes que a problemática do preconceito linguístico vai surgir.

2.3 Preconceito linguístico

O preconceito linguístico surge devido a não aceitação de outras variações linguísticas e está relacionado a fatores sociais. A variedade linguística de um falante pode tanto ser elevada socialmente, quanto pode ser estigmatizada. Na sociedade percebemos que há a tendência a interpretar que a variante de determinado indivíduo revela sua posição social, dessa forma, quanto mais próximo a fala for da norma culta, entende-se que elevado está o valor social deste, enquanto que a variante de um indivíduo que está em estratos baixos da população, na maioria das vezes, é estigmatizada. Assim, concebe-se esse tipo de preconceito.

De acordo com Bagno (2004, p.38),

[...] [o] preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente.

Neste viés, a única forma de falar a ser aceita é aquela que é entendida como gramaticalmente correta, é a caracterizada pela norma culta, desmerecendo as demais variantes por serem consideradas “feias”, entre outros rótulos que permeiam na sociedade. Por decorrência disso, as outras variantes, que não se encaixam no rótulo de “correta e bonita” acabam sendo destituídas do seu valor, sendo imerecidamente tratadas, e tendo a dignidade denegrida pelos julgamentos preconceituosos.

Para Monteiro (2000, p. 65), “um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem”, isso implica na própria liberdade de expressão do falante, pois muitas vezes, na sociedade, esse tipo de preconceito afeta as atitudes linguísticas dos falantes. Ainda nessa mesma perspectiva, Leite (2008, p. 13) exprime que: “a intolerância linguística existe e é tão agressiva quanto outra qualquer, pois atinge o cerne das individualidades. A linguagem é o que o homem tem de mais íntimo e o que representa a sua subjetividade.” Ao refletir que a problemática do preconceito linguístico pode também reprimir a fala dos indivíduos, compreendemos que isso afeta diretamente a interação de determinado indivíduo com o meio em que está inserido, e isso acontece porque a língua é constituída socialmente.

Sobre as causas da existência da problemática do preconceito linguístico, Bagno (2007, p.15-16), traz algumas reflexões:

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo.

Por meio dessa intervenção, Bagno (2007) explica a existência dessa problemática que há no Brasil, que se realiza devido às desigualdades sociais, e a estigmatização das variantes não padrão. Além disso, há um motivo geográfico em questão que justifica e explica a existência de tantas variações linguísticas no Brasil, esse motivo, é a grande extensão territorial do Brasil, que de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é o maior país da América Latina e o quinto maior do mundo.

Bagno (2007) também traz em suas reflexões o fator de que a desigualdade no Brasil faz com que grande parte da população não tenha acesso à educação. Destarte, o preconceito linguístico está relacionado à desigualdade social, e acaba gerando mais segregação ainda, por dificultar a comunicação daqueles que não têm acesso à "norma culta".

Além da grande extensão territorial do país e da desigualdade econômica, algo que justifica a existência de grande variação linguística no Brasil pode ser explicada pela própria história do país, que ao longo dos anos recebeu um grande fluxo de imigrantes. Sobre a vinda dos portugueses para o Brasil, Guimarães (2005) menciona que:

A vinda da língua portuguesa para o Brasil não se deu, como vimos, em um só momento. Ela se deu durante todo o período de colonização entrando em relação constante com outras línguas. Por outro lado, o povoamento do Brasil se fez com a vinda de portugueses de todas regiões de Portugal. Desse modo, sua vinda para o Brasil traz para esse novo espaço as diversas variedades do português de Portugal. Estas variedades se instalarão em lugares diferentes do Brasil, mas, em muitos casos, elas convivem num mesmo espaço, como no Rio de Janeiro, por exemplo. O português do Brasil vai, com o tempo, apresentar um conjunto de características não encontráveis, em geral, no português de Portugal, da mesma maneira que o português, em diversas outras regiões do mundo, terá características também específicas, em virtude das condições novas em que a língua passou a funcionar.

As interações que ocorreram por meio do contato entre a população brasileira com os imigrantes, geraram tensões devido aos contrastes, nesse envolvimento foi

gerado e manifestado vários tipos de intolerância, não apenas a linguística, mas também a racial, social, econômica, entre outras.

Todavia, o preconceito linguístico, por mais arraigado que esteja na população brasileira, pode ser combatido através da área da Sociolinguística, pois esta, reconhece o fator da heterogeneidade da língua, estudando especificamente este aspecto, admitindo que há uma estruturação, sistematização, que justifica a existência das variações, compreendendo que não existe apenas uma única forma padrão de falar. A respeito disso, Mollica (2004, p.13), argumenta que:

[...] os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima.

A questão da relativização que a autora menciona, partilha da visão de que se há todo um sistema por trás das variantes não padrão, classificar tais variantes como erro seria algo inconveniente, dessa forma a noção de erro deve ser relativizada. Alguns autores concordam com essa ideia, já outros não. A palavra erro deveria ser substituída nos casos da escrita fora da norma padrão como inadequação, e na fala deve ser aceita as variantes dialetais existentes cada uma com suas diferenças.

É necessário mencionar que a relativização no conceito de norma fez com que a noção de erro linguístico fosse questionada, isso porque aquilo que seria um erro de acordo com a gramática tradicional passou a ser algo justificável cientificamente. Foram propostos então outros termos para tal fenômeno linguístico, porém, esses termos trazem em sua essência a ideia de que sim, existe um determinado padrão. Dessa forma, a exemplo, as escolas devem continuar corrigindo as possíveis fugas a essa norma padrão. Quanto aos dialetos, é algo que sempre deve ser respeitado, nenhum sotaque por exemplo, pode ser sobreposto ao outro.

Ao observarmos todas essas questões que estão em torno do preconceito linguístico, fica evidenciado que ele existe devido à noção de homogeneidade da língua, como que fosse admitido ser correto apenas uma forma de falar. Esta noção, é desconsiderada pela Sociolinguística, que visa a língua em relação à sociedade, aceitando as variantes em decorrência do contexto. A partir desse panorama, torna-se viável enxergar a língua e toda sua pluralidade, valorizando as diversas formas de falar.

2.4 Atitudes e avaliação linguística

Os estudos referentes às atitudes e avaliação linguística, fazem parte da área da Sociolinguística, e por meio deles, torna-se possível compreender o que os falantes pensam acerca de sua variante, entre outros fatores.

Antes de refletirmos acerca de atitudes e avaliação linguística, mencionaremos alguns conceitos do termo “atitude”. Allport (1967, p.8) conceitua atitude como “um estudo neuromental de prontidão, organizando através da experiência diretiva ou dinâmica sobre a resposta do indivíduo para todos os objetos e situações com as quais está relacionado”. Então dessa forma, as atitudes estão relacionadas a um tipo de avaliação considerando as emoções positivas e negativas a respeito de determinado objeto, no caso em que estamos discutindo, o objeto seria a língua, e as situações relacionadas a esse objeto devem ser consideradas, como por exemplo a situação da esfera social.

Ainda sobre o conceito do termo atitude, Lambert e Lambert (1975, p. 100) postulam que; “uma atitude é uma maneira de pensar, sentir e reagir as pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral, a qualquer acontecimento no ambiente”. Nessa perspectiva, as atitudes estão relacionadas ao pensamento, sentimento e reação perante a sociedade.

De forma mais precisa Rokeach (1974, p.15) conceitua atitude como “uma organização relativamente duradoura de crenças em torno de um objeto ou situação, que predispoem a raciocinar preferentemente de uma determinada maneira.” Esse conceito nos faz meditar na atitude como pensamentos permeados durante um tempo considerável acerca de algo.

Focando agora na questão dos estudos de atitudes linguísticas, vamos perceber no processo histórico que de início os estudos de atitudes linguísticas foram feitos por meio da Psicologia Social. De acordo com Fraga (2008), esses estudos tinham como objetivo investigar sobre as atitudes linguísticas positivas ou negativas, que os indivíduos tinham sobre si e outros falantes. Posteriormente esse tipo de pesquisa passou a ser executada pelos sociolinguistas, que se preocupam com questões dessa natureza.

Quanto a esse tipo de análise linguística, Hora (2004, p. 143), menciona que: “O estudo da avaliação implica o das atitudes, isto é, os julgamentos subjetivos dos

falantes sobre o uso que eles próprios e seus interlocutores fazem de sua língua, ou mais especificamente, da variedade linguística que utilizam.” Os estudos das atitudes linguísticas passaram a ser associados ao das crenças, porém ambos podem ser diferenciados. Quanto às crenças, Barcelos, (2006, p. 18), conceitua o seguinte:

Entendo crenças, de maneira semelhante a Dewey, como uma forma de pensamento, como construção de realidade, maneiras de viver e perceber o mundo e seus fenômenos, construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais.)

Com isso, as atitudes linguísticas são geradas devido às crenças que determinado falante possui de sua própria língua, essas crenças podem ser construídas ao longo da vida, em decorrência das diversas interações sociais. Então a escola, a mídia, a família, o ambiente, influenciam sobre as crenças e atitudes, que determinado falante tem sobre sua língua.

Meditando ainda sobre a reflexão acerca das crenças por Barcelos, podemos compreender que as crenças são vistas não apenas como algo social, mas também podem ser vistas em cada ser individualmente, isso corre devido as experiências vividas por cada indivíduo em particular e nos meios em que este já teve algum contato, pois a construção do ser é moldada de acordo com as vivências.

Diferenciando então o conceito de crença em relação ao conceito de atitudes linguísticas, podemos refletir sobre algumas reflexões mencionadas por Bisinoto (2000, p. 36), no tocante aos aspectos que se referem no que se baseiam as atitudes linguísticas:

Ao lado da variedade linguística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto linguística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. Nesta perspectiva, a atitude linguística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto ao prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos.

Dessa maneira, percebemos que as avaliações de atitudes linguísticas podem tornar evidentes fatores imperceptíveis e perceptíveis da língua, perante a sociedade. Esse tipo de avaliação, contribui no que remete à compreensão dos fatores que envolvem o preconceito linguístico e até mesmo como se dar esse processo.

Ao observar o comportamento dos falantes, o sociolinguista pode detectar questões sociais que envolvem as atitudes que estes praticam em suas interações sociais, e não só isso, mas também contribui quanto à compreensão do pensamento desses falantes sobre suas próprias atitudes e como elas se motivam. Contudo, as atitudes linguísticas são capazes de representar a atuação dos falantes, sobre si e sobre os outros.

A relação existente entre a língua, a sociedade e a identidade, torna propício que os falantes construam pontos de vista sobre as variedades, e como a língua é constitutiva dos seres humanos, estes acabam expressando pensamentos. Com isso, os falantes praticam as atitudes direcionadas sobre as crenças da sociedade, o que torna evidente atitudes de prestígio ou desprestígio, entre outras.

3 UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

3.1 Metodologia

Partindo da premissa de que um trabalho acadêmico deve ser feito de maneira teórica e metodológica, é fundamental que haja toda uma organização que se adeque ao tipo de pesquisa que vai ser executada. O conceito de pesquisa conforme Rúdio (1999, p.9), consiste em “um conjunto de atividades orientadas para a busca de um determinado conhecimento”. Nesta pesquisa, traremos uma proposta de avaliação social acerca de atitudes linguísticas sobre as plosivas alveolares /t/ e /d/.

Existem dois tipos de metodologia para a pesquisa científica, são estes o método quantitativo e o método qualitativo. Produziremos esta pesquisa no modelo qualitativo, sobre esta tipologia, ou melhor, tipo de abordagem, o pesquisador procura se aprofundar nas ações das pessoas em relação ao contexto social que estão inseridas. Conforme Minayo e Sanches (1993), a pesquisa qualitativa também trabalha com valores, crenças, opiniões e representações. Sendo estes aspectos considerados nesta pesquisa, a classificamos com qualitativa.

Como pretendemos formular uma proposta de avaliação social para descobrir o que determinados indivíduos explicitam sobre si e sobre os outros em relação ao modo de falar, este estudo leva em consideração estratégias na formulação das questões para que seja possível o alcance de resultados que supram as

indagações investigadas, pois queremos que as respostas tragam as interpretações, o ponto de vista das pessoas sobre alguns aspectos estudados pela sociolinguística, como a variação linguística, sotaque, preconceito linguístico, entre outros.

Quanto ao tipo da presente pesquisa, podemos dizer que esta é caracterizada como descritiva. Sobre essa tipologia de pesquisa, Gil (2002) menciona que “São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.” Sob este viés, categorizamos assim esta pesquisa, pois objetiva a partir de observações de procedimentos metodológicos utilizados para fazer a pesquisa de atitudes linguísticas, descrever como pode ser feita uma avaliação social sobre atitudes linguísticas, especificamente direcionada para as formas de reprodução das plosivas alveolares /t/ e /d/.

Já sobre a classificação desta pesquisa baseada no procedimento técnico utilizado na coleta de dados, podemos categorizar como bibliográfica, pois o tipo de fonte que é utilizada são; livros, teses, dissertações, artigos etc. Sobre o conceito desse tipo de pesquisa, Gil (2002, p.44) postula que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Neste trabalho pretendemos trazer uma proposta de avaliação social sobre atitudes linguísticas levando em consideração a forma da reprodução das plosivas alveolares /t/ e /d/. Na proposta, traremos o questionário como uma espécie de instrumento para a avaliação social, teremos então dez questões, onde cada uma é selecionada para que o pesquisador tenha com bom êxito acesso as informações que pretende obter.

Algumas questões estarão no modelo da escala de Osgood, mas de uma maneira adaptada para que obtenhamos respostas mais precisas, enquanto outras estarão no formato de perguntas, para que o entrevistado exponha sua opinião de maneira mais detalhada, nos dando acesso a mais informações. Vale salientar também que propomos que as questões sejam lidas, já que serão aplicadas para variados níveis de escolaridade.

A proposta de avaliação social sobre atitudes linguísticas que traremos a seguir é baseada na perspectiva da Teoria da Variação de Labov, além disso é necessário mencionar que nos atrelamos aos conceitos dos autores Bagno (2007) sobre a problemática do preconceito linguístico, e observamos aspectos metodológicos apresentados por Cardoso (2014) em relação aos procedimentos da avaliação social sobre atitudes linguísticas.

3.2 Proposta de intervenção

Inicialmente, ressaltamos que optamos por neste trabalho apresentar uma proposta de intervenção e não a própria intervenção, dessa forma, podemos declarar que este trabalho se encontra em um estágio inicial, pois posteriormente pretendemos aplica-lo. Por este motivo, esta pesquisa está focando nos processos metodológicos e reflexões sobre os aspectos de um trabalho que aborda a temática da avaliação social direcionado às atitudes linguísticas dos falantes.

Para organizarmos uma proposta de avaliação social sobre atitudes linguísticas devemos ter em mente uma maneira de sistematizar como será feita determinada pesquisa. Além disso, precisamos considerar os objetivos que queremos atingir por meio desta avaliação, o que queremos saber dos indivíduos. No caso desta proposta de avaliação social sobre atitudes linguísticas, queremos descobrir o que determinados falantes explicitam sobre si e sobre outras variantes, tendo em vista à forma da reprodução das plosivas alveolares /t/ e /d/.

Para que esta pesquisa seja possível, formularemos um questionário que foque em perspectivas importantes a respeito da temática tratada, a ideia é que o questionário possa ser utilizado como um instrumento que possibilite o pesquisador receber respostas que contemplem os questionamentos que envolvam a problemática investigada. Então, se torna necessário mediante ao que pretende ser feito, nos atentarmos aos processos metodológicos de avaliações sociais sobre atitudes linguísticas.

Como as perguntas devem ser direcionadas às respostas que de fato contemplem questões sobre o preconceito linguístico, atitudes linguísticas, levando em conta a forma que as plosivas alveolares /t/ e /d/ são reproduzidas, formularemos e sugeriremos algumas questões, aproveitaremos algumas que já foram formuladas e utilizadas por outros autores, e traremos outras de maneira adaptada.

Antes de sugerirmos as questões que podem ser utilizadas como instrumento de pesquisa, primeiramente traremos uma sugestão de perfil de sujeitos a serem investigados. De acordo com CARDOSO (2015, p.25):

Tradicionalmente, a literatura sociolinguística tem investigado o condicionamento social da linguagem concentrando-se, basicamente, no papel dos fatores “sexo”, “idade”, “escolaridade”, “situação de fala”, “situação geográfica”, “etnia”, e “classe social”.

Entre esses aspectos anteriormente citados propomos por meio deste trabalho que a entrevista seja aplicada para sujeitos de ambos os sexos, em um público de várias idades, que tenham variados níveis de escolaridade, em situações específicas de fala, como as opiniões e atitudes dos falantes acerca da não palatalização das consoantes “t” e “d” e preconceito linguístico relacionado à esta variação.

Sobre a questão da aplicação da avaliação sobre atitudes linguísticas para sexos diferentes, ou gêneros, Cardoso (2015, p. 26) traz as seguintes reflexões: “A diferença de sexo dentro da sociolinguística tem sido – e continua sendo – um objeto de permanente discussão.” A autora também fala que “A oposição entre a fala dos homens e mulheres conta com uma extensa bibliografia e já ficou demonstrado ser a diferença de sexo um fator condicionante de heterogeneidade linguística.” Porém, sobre o que se conclui em relação a essas discussões acerca do fator de levar em conta o tipo do gênero nessas pesquisas, a autora menciona que:

Poderíamos resumir afirmando que, em geral, a geografia linguística, de base rural, vê a fala das mulheres como conservadora enquanto a dialetologia urbana, pelo menos a dos grandes centros, a vê como inovadora. A explicação para isto estaria talvez no fato de que, num grande centro urbano, nos últimos anos, a mulher passou a atuar de forma diferente dentro do contexto social, assumindo um papel economicamente mais ativo. Essas considerações são externas ao nosso estudo e meras hipóteses. (...) Talvez a generalização que possamos fazer seja a de que a diferenciação de sexo quase sempre representa um papel de grande importância nas pesquisas sobre a fala.

Nesse sentido, compreendemos que considerar o gênero dos sujeitos avaliados é algo que faz parte desse tipo de pesquisa, e é especificamente por esse motivo que levaremos esse fator em consideração.

De acordo com Cardoso (2015, p. 27) “Alguns linguistas consideram que as diferenças de idade são mais importantes que as de sexo.” Sobre essa consideração podemos ampliar as reflexões de tal modo que nos faz pensar sobre alguns fatores, entre eles, que muitas vezes as pessoas de diferentes idades viveram ou até vivem em contextos diferenciados. Tem acesso às informações de maneiras

distintas, por exemplo, pessoas mais jovens utilizam bastante a internet, enquanto as pessoas de mais idade nem sempre utilizam as ferramentas tecnológicas que dispõem a internet.

Um outro fator é que pessoas de idades cronologicamente mais distantes, estudaram em épocas diferentes, então absorveram concepções diferentes, ou melhor, de acordo com determinada época. Algo importante também, é o fator de que através de pessoas que possuem mais idade, podemos compreender sobre as mudanças linguísticas de acordo com o tempo, comprovando a mutabilidade que existe na língua.

Por esses motivos, entre outros, as experiências vividas acerca de preconceitos linguísticos, podem ser diversificadas até mesmo dependendo da idade, podem ter ocorrido de maneira distinta e em épocas diferentes, ou até mesmo a própria visão que se tem sobre a própria fala pode ser diferenciada, até porque esse tipo de preconceito tem sido mais discutido ao longo dos anos recentes.

Sobre as situações específicas de fala, tentaremos direcionar as situações que ocorrem sobre a forma de reprodução das plosivas alveolares /t/ e /d/, sobre se o informante avaliado já foi vítima de algum preconceito linguístico, se já sofreu algum preconceito sobre o sotaque em relação às consoantes “t” e “d” e, sobre o que esses falantes pensam acerca de sua própria fala. Quanto à quantidade de pessoas avaliadas optamos por não sugerir um número específico, pois a quantidade é um aspecto flexível no tipo de pesquisa aqui abordada, pois o que se pretende focar é no teor das respostas que podem ser obtidas e averiguadas.

Como já mencionamos, o instrumento utilizado nessa proposta de avaliação social sobre atitudes linguísticas será o questionário. A escolha desse instrumento de pesquisa se deve pelo motivo que o questionário é um dos tipos de testes mais adequados, porque por meio dele obtemos respostas mais claras e o entrevistado age de maneira mais espontânea. De acordo com Cardoso (2015), com esse tipo de instrumento de pesquisa não há prejuízos com o conteúdo das respostas que se teriam com outros tipos de testes.

Por meio da área de estudo da Fonética e Fonologia, podemos compreender de uma maneira mais sistemática o funcionamento da ocorrência dos sotaques, ou dialeto. Já que nesta pesquisa estamos focando nas consoantes “t” e “d”, vamos explicar alguns aspectos importantes a serem abordados. Inicialmente é necessário diferenciar a fonética da fonologia:

Enquanto a fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas, a fonologia irá estudar os sons do ponto de vista funcional como elementos que integram um sistema linguístico determinado. Assim, à fonética cabe descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas. À fonologia cabe estudar as diferenças fônicas intencionais, distintivas, isto é, que se vinculam a diferenças de significação, estabelecer como se relacionam entre si os elementos de diferenciação e quais as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases. (CALLOU; LEITE, 1999, p. 11).

Sendo assim, compreendemos que a fonética estuda os sons se interessando nos efeitos acústicos, nas variações sonoras, enquanto a fonologia estuda as sonoridades que causam mudança de significado nas palavras. Por exemplo, nas palavras tia e dia detectamos que a troca das consoantes, e conseqüentemente a isso, a troca das sonoridades, causam uma alteração de significado nas palavras. Já, por exemplo, na palavra tia temos duas representações fonéticas, podendo ter ou não o que comumente chamamos de chiado. As representações fonéticas seriam [t] (“tia”) e [tʃ] (“tchia”).

Se por exemplo pedirmos para pessoas de diferentes localidades como, Aracati e Mossoró, pronunciarem a palavra dia, o aracatiense falará [dʒia] (“djia”), enquanto um mossoroense falará [dia] (“dia”). Essas diferenças em ambos os modos de falar não dificultam a comunicação. Podemos dizer neste caso que o fonema é o “d”, mas no momento da pronúncia da palavra, pode ser reproduzido nas formas; /d/ e /dʒ/. Apesar da diferença de pronúncia, não se pode dizer que /dʒ/ é um fonema pertencente a língua portuguesa, mas sim um alofone, ou seja, uma variante.

No caso desta pesquisa, os fatores a serem pesquisados em sua totalidade podem ser aplicados em populações em que a reprodução das consoantes “t” e “d”, sejam pronunciadas com as sonoridades /t/ e /d/, mas também podem ser aplicados para as sonoridades [tʃ] e [dʒ]. Mas é importante ressaltar que essa está focada em ser aplicada na variante /t/ e /d/. Então, por esse motivo, o questionário pode ser aplicado para qualquer local brasileiro que falem desse modo, como por exemplo, o município de Mossoró, localizado no estado do Rio Grande do Norte, Recife, que é a capital do estado de Pernambuco, entre outros lugares que reproduzam a sonoridade semelhante, mas caso seja necessário aplicar na outra variação, algumas questões em específico podem ser adaptadas.

De acordo com a autora Cardoso (2015, p.20) “Em todos os trabalhos sobre atitudes linguísticas desponta uma certeza: as atitudes podem ser medidas,

mas são complexos os estudos que tratam desta medida, uma vez que existem várias dimensões a considerar”. Como as atitudes podem ser medidas, é importante utilizar um questionário que possa facilitar na detecção dos níveis de medidas investigados. Então, neste caso utilizaremos uma escala psicofísica, especificamente a de Osgood (1963).

Quanto ao uso da escala psicofísica Cardoso (2015, p. 21) vai mencionar que “só é aplicada quando se concebe a atitude com um grau de afeto a favor ou contra um objeto ou um valor”. Sendo assim, utilizaremos a escala para medir os níveis de alguns aspectos relacionados às atitudes linguísticas avaliadas.

Sobre a escala de Osgood (1963), intitulada e conhecida por escala de diferencial semântico, CARDOSO (2015, p.21) ressalta que:

Esta técnica é considerada uma das mais importantes para medir atitudes linguísticas. Tipicamente uma escala de “diferencial semântico” envolve a avaliação de um conceito ou estímulo e graus, sobre pares constituídos de adjetivos opostos.

Por essa razão escolhemos utilizar esse tipo de escala, pelo motivo de utilizar adjetivos sobre algo, sobre algum objeto. Dessa forma, teremos acesso às características empregadas sobre determinada variável linguística, sendo possível termos acesso à caracterização feita pelos avaliados. O preconceito linguístico é existente pela não aceitação, ou devido aos rótulos empregados sobre determinada variante, entre outros motivos mencionados anteriormente, os adjetivos estão completamente ligados a essa problemática.

A escala de Osgood é estruturada de maneira em que são colocados adjetivos ou substantivos antônimos nos dois extremos das escalas, como no seguinte exemplo:

Mau : __:__:__:__:__:__: Bom

Uma problemática sobre esse tipo de escala, entre outras escalas que seguem um formato parecido, seria a questão de que a pessoa que preenche pode tentar amenizar, ou disfarçar seu posicionamento perante algo, optando por manter-se neutro diante das questões.

Mas, assim como Cardoso (2015), optamos por uma adaptação da escala de Osgood, da mesma forma que também Wolck (1973) utilizou em uma avaliação social sobre atitudes linguísticas, onde ao invés de utilizarmos uma escala com sete

espaços, utilizaremos seis espaços, de maneira que não tenhamos nas respostas uma posição neutra que ocultasse possíveis pensamentos e inclinações. Então, ao invés de termos uma questão onde há uma opção neutra, teremos no centro dessa escala as opções; mais ou menos de acordo e mais ou menos contrário, desse modo poderemos medir atitudes nos mínimos graus possíveis, o que é algo bastante significativo. Além do formato de questão mencionada anteriormente, também utilizaremos questões diretas, para que os entrevistados tenham a oportunidade de falar um pouco sobre a problemática avaliada.

Mediante as razões expostas que justificam a escolha do formato do questionário que será proposto, iremos agora mencionar algumas questões que podem ser utilizadas nesse tipo de pesquisa sobre as atitudes linguísticas acerca das plosivas alveolares /t/ e /d/.

A sugestão é que o questionário seja aplicado pessoalmente, e o entrevistador leia as questões. Sobre o conceito de entrevista Lakatos (1992, p. 107) exprime o seguinte conceito: “entrevista- é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária.” Além disso, menciona que a entrevista

É um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (LAKATOS, 2010, p. 195).

No caso desta proposta de pesquisa, será sugerida uma investigação social para avaliar as atitudes linguísticas de determinada variante. Com a coleta dos dados, se tornará possível um diagnóstico das perspectivas dos falantes avaliados, em que a problemática social tratada será o preconceito linguístico.

Como propomos que a abordagem seja direcionada para pessoas de variados níveis de escolaridade, optamos por aplicar para todos da mesma maneira. Nessa proposta de avaliação social teremos dois tipos de questões, em algumas utilizaremos a escala de Osgood e em outras a abordagem direta, onde os entrevistados responderão de maneira livre a pergunta que for feita. Após esclarecer sobre como responder as questões, o questionário será lido em cada momento para o entrevistado, para caso tenha dúvidas, seja esclarecida.

Quanto ao início dessa abordagem, nos baseamos em Cardoso (2015), então fizemos uma adequação da abordagem feita no questionário proposto pela autora, para ficar de acordo com a temática que pretendemos avaliar. Ficando então da seguinte forma:

- Gostaríamos de saber o que você acha da fala, ou seja, do modo de falar das pessoas que não chamam nas consoantes t e d. Com essa finalidade, elaboramos um questionário com dois tipos de questões, em algumas questões você irá apenas responder perguntas e em outras você irá marcar com um (x) no espaço que melhor descreve ou se aproxima mais de sua opinião. Para responder, você terá uma escala e você marcará o que é mais próximo da forma que você pensa.

- Se você estiver totalmente de acordo;

Agradável X : ___ : ___ : ___ : ___ : ___ desagradável

- Se você está de acordo, marcar

Agradável ___ : X : ___ : ___ : ___ : ___ desagradável

- Se você está mais ou menos de acordo, marcar

Agradável ___ : ___ : X : ___ : ___ : ___ desagradável

- Se você está mais ou menos contrário, marcar

Agradável ___ : ___ : ___ : X : ___ : ___ desagradável

- Se você está contrário, marcar

Agradável ___ : ___ : ___ : ___ : X : ___ desagradável

- Se você está totalmente contrário, marcar

Agradável ___ : ___ : ___ : ___ : ___ : X desagradável

1. Você só deve colocar um X entre dois pares de palavras.

2. Coloque o X no meio do espaço, não nos pontos demarcados (:)

Assim

Assim não

X : ___ : ___ : ___ : ___ X ___

Seguindo as instruções acima responda as perguntas a seguir.

Fonte: Cardoso (2015, p. 125-126)

Iremos falar agora sobre cada questão proposta para a aplicação da avaliação social, comentando sobre o que podemos obter com cada questão e mencionando alguns aspectos que estão relacionados a cada uma delas. Na primeira questão proposta trazemos uma no modelo da escala de Osgood, onde temos na questão uma frase em afirmação e, logo abaixo nos extremos da escala, dois posicionamentos contrários expressos nas palavras “concordo” e “discordo”.

A questão traz a seguinte frase; “Na sua opinião, existem sotaques mais bonitos que outros.”, a pessoa que estiver preenchendo falará se está totalmente de acordo com a afirmação, se está de acordo, se está mais ou menos de acordo, se está mais ou menos o contrário, ou totalmente contrário a afirmação.

Trouxemos essa questão, pois essa afirmação traz consigo uma ideia que permeia pela sociedade de que existem sotaques mais bonitos que outros, que há variantes mais bonitas que outras, que umas são feias e outras são bonitas. Por meio da escala, teremos acesso direto à opinião da pessoa avaliada em relação a isso.

Na obra “Preconceito Linguístico, o que é como se faz” do autor Marcos Bagno, ele desmistifica vários mitos acerca da língua portuguesa brasileira. No mito de número dois, o autor fala sobre o mito de que “Brasileiro não sabe português/ Só em Portugal se fala bem português”.

Então, não há por que continuar difundindo essa idéia mais do que absurda de que “brasileiro não sabe português”. O brasileiro sabe o seu português, o português do Brasil, que é a língua materna de todos os que nascem e vivem aqui, enquanto os portugueses sabem o português deles. Nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas diferentes um do outro e atendem às necessidades linguísticas das comunidades que os usam, necessidades que também são... diferentes! (BAGNO, 2007, p. 30-31)

Podemos aplicar esta mesma posição em relação as variantes existentes dentro do próprio Brasil, a ideia de que existe um sotaque mais bonito que outro está vinculada ao que é considerado como mais correto. Essa ideia não se sustenta devido alguns fatores mencionados por Bagno 2007, entre outros, como:

- I. diferença de sotaques
- II. necessidade do falante (as variáveis surgirão, existirão, de acordo com as necessidades em uma determinada comunicação)

III. a língua possui seu ciclo natural (que passa por alterações que acabam gerando modificações ao longo do tempo).

Então podemos dizer que nenhuma variante ou sotaque está “mais certo ou mais errado”, é “mais feio ou mais bonito” do que o outro, basicamente esse tipo de rotulação se consiste em um estereótipo preconceituoso que tem circulado na sociedade.

Por meio desse tipo de questão que pontua uma afirmação como esta; “Na sua opinião, existem sotaques mais bonitos que outros.”, podemos identificar se a pessoa que respondeu concorda e tem algum traço dessa percepção, destarte podemos desmistificar esse tipo de concepção que prejudica as variantes que muitas vezes são erroneamente menos favorecidas, quando todas possuem seu valor, pois fazem parte do instrumento da fala que serve para a comunicação do ser humano. As variantes fazem parte de determinado conjunto de características que compõem determinado modo de falar, que são indispensáveis no cotidiano do falante, sendo assim, não deveriam ser categorizadas, ou estereotipadas.

Mediante a perspectiva de elevar ou diminuir determinada variação, Bagno (2007, p. 47) ressalta que:

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam.

Então, esse tipo de questão proposta pode ser utilizada para enaltecer as variedades linguísticas existentes no Brasil, desconfigurando a ideia de superioridade de uma variante sobre outra.

A segunda e a terceira questão propostas também estão no modelo da escala de Osgood, trazendo na segunda questão a seguinte afirmação; “Acho bonito quando uma pessoa chia nas consoantes t e d. Por exemplo; “tchitchia”, “djia” e na terceira “Acho bonito quando uma pessoa pronuncia a palavra dia sem chiar nas consoantes t e d. Por exemplo; “titia”, “dia”.”

As questões foram dispostas uma próxima da outra propositalmente, para que o entrevistado tenha a percepção de como seria na prática a pronúncia de palavras iguais em diferentes variantes fonéticas. Nessas questões, além de trazermos o contraste rico das variedades, trazemos mais uma vez a problemática de

que um sotaque é mais bonito que outro, com a diferença que, queremos saber se há uma preferência entre uma forma de falar em relação a outra por meio da medida da escala de Osgood. Então qualquer diferença na medida da resposta de uma mesma pessoa, poderemos detectar se há ou não uma preferência em específico.

Bagno (2007) traz uma discussão falando sobre o preconceito linguístico sofrido pelos nordestinos, e nesse caso, ele vai focar acerca da palatalização em determinadas situações de fala, como podemos ver mais detalhadamente a seguir:

Para mostrar que a fala nordestina nada tem de “engraçada” ou “ridícula”, vamos fazer uma pequena comparação. Na pronúncia normal do Sudeste, a consoante que escrevemos T é pronunciada [tʃ] (como em tcheco) toda vez que é seguida de um [i]. Esse fenômeno fonético se chama palatalização. Por causa dele, nós, sudestinos, pronunciamos [tʃitʃia] a palavra escrita TITIA. E todo mundo acha isso perfeitamente normal, ninguém tem vontade de rir quando um carioca, mineiro ou capixaba fala assim. Quando, porém, um falante do Sudeste ouve um falante da zona rural nordestina pronunciar a palavra escrita OITO como [oitʃu], ele acha isso “muito engraçado”, “ridículo” ou “errado”. Ora, do ponto de vista meramente lingüístico, o fenômeno é o mesmo — palatalização —, só que o elemento provocador dessa palatalização, o [y], está antes do [t] e não depois dele. Quando, porém, um falante do Sudeste ouve um falante da zona rural nordestina pronunciar a palavra escrita OITO como [oitʃu], ele acha isso “muito engraçado”, “ridículo” ou “errado”. Ora, do ponto de vista meramente lingüístico, o fenômeno é o mesmo — palatalização —, só que o elemento provocador dessa palatalização, o [y], está antes do [t] e não depois dele. (BAGNO, 2007 p.41-42)

No caso em que estamos comparando a variante considerada normal é a da palatalização como vemos a ocorrência em “tchitchia” e a variante menos favorecida seria a da pronúncia “titia”, com a ausência da palatalização. Falamos isso, devido a observações por exemplo, no meio humorístico, onde humoristas usam do sotaque sem a palatalização no “t” precedido de “i”, entre a utilização de outros fenômenos que fazem parte do sotaque de algumas variantes nordestinas como método, ou forma de causar risos.

Na quarta questão não utilizamos a escala de Osgood, optamos por adaptar uma pergunta de um artigo sobre avaliação e atitudes linguísticas, por Freire (2016) Como a questão a qual nos inspiramos fazia a pergunta de um modo geral “Você conhece alguém que fala diferente de você?”, fizemos uma adaptação para que a pergunta ficasse mais direcionada à temática avaliada. Com a adaptação feita, a questão se resultou da seguinte forma; “Você conhece alguém que pronuncia as consoantes t e d diferente de você?” Optamos por fazer uma pergunta nessa questão

com o intuito de que o entrevistado fale um pouco sobre isso, para que se expresse em relação às experiências obtidas em sua vivência. Além disso, a questão traz a reflexão sobre o funcionamento das diferentes variantes em contato na prática.

Com o entrevistado refletindo sobre essa questão, poderemos ter acesso à algumas experiências e observar o funcionamento do processo de percepção e identificação das possíveis variantes em contato. Por meio dessa questão, podemos refletir sobre os contrastes nessa interação com outras variantes.

Na quinta questão, temos mais uma pergunta, onde esperamos que o entrevistado responda de acordo com sua opinião e perspectiva. É feito então, o seguinte questionamento; “O que você acha da sua forma de falar?” Nesse momento, o pesquisador terá acesso ao que de fato o falante pensa acerca do seu modo de falar.

A utilização desse tipo de pergunta contribuirá para que o falante se expresse como ele caracteriza a própria fala, ou a própria variante, o que ele explicita sobre si. Cardoso (2015, p. 10), menciona que: “Entre as representações e as atitudes linguísticas existe uma classe de fenômenos particulares: a auto representação e a auto avaliação de práticas por parte dos falantes.” Nesse sentido, obteremos do entrevistado o fenômeno particular da auto representação do modo de falar de determinado falante, e sua avaliação mediante a isso.

Na sexta questão, trouxemos a seguinte pergunta; “O que você mudaria em sua forma de falar?”, com essa interrogação colocaremos o entrevistador para refletir sobre o que ele desejaria mudar em sua maneira de falar, certamente, o entrevistado irá analisar aspectos que consideram negativos em sua fala. Entre esses aspectos negativos, é possível que o entrevistado pense em uma forma de falar que considera superior à sua, seja de acordo com a gramática normativa, ou com uma variação que julgue ser mais correta, isso acontece, devido as crenças postas na sociedade.

O reconhecimento da natureza essencialmente heterogênea, variável e mutante das línguas humanas ainda não ganhou o senso comum, e o imaginário lingüístico que vigora na sociedade se estrutura em torno de uma noção estática de língua, sempre encarada como o modelo de “pureza” e “correção” cristalizado na obra dos grandes escritores e descrito-prescrito nos compêndios gramaticais normativos. Nesse conjunto de crenças, o que se entende por “língua” é uma entidade homogênea, monolítica, não só exterior ao indivíduo, mas que necessita, inclusive, de ser “protegida” do “mau uso” ou do “abuso” que esse mesmo indivíduo possa vir a “cometer” contra ela. A variação,

quando reconhecida, é simplesmente sinônimo de “erro”. (BAGNO, RANGEL, 2005, p.72.).

Bagno e Rangel nos fazem refletir sobre o conjunto de crenças que permeiam na sociedade, crenças que acabam sendo responsáveis por fazer com que os falantes pensem no termo língua como algo homogêneo e que não pode ser interferido pelas variações, é por meio dessas crenças que a variação é remetida ao erro. Essa problemática vem sendo desmistificada por meio dos estudos sociolinguísticos, como já mencionamos anteriormente.

Por meio dessa questão, podemos desmistificar essa crença de que a língua é homogênea e que apenas a fala gramaticalmente normativa é a única que deve existir. Ter a perspectiva baseada nesse viés, só faz com que a língua seja limitada, presa, atrofiada, do seu curso natural. A língua é viva, passa por diversas modificações, seja através do tempo, ou seja através do contato entre determinadas variantes. As modificações são inevitáveis, proteger a língua do que é natural, é algo que deve ser transformado em aceitação a realidade dela, realidade essa, composta por sua heterogeneidade e por suas incessantes transformações.

Na sétima questão, trouxemos a seguinte pergunta; “Você mudaria a forma de falar em relação a pronúncia das consoantes “t” e “d”?”. Até chegar essa questão, por meio das outras já foram investigados aspectos relacionados aos sotaques, a observação da própria fala e, além disso, a relação com a fala do outro. Com essa pergunta, nosso objetivo se tornou algo bem específico em relação a palatalização ou não das plosivas alveolares t e d. Caso o falante diga que sim, que mudaria a maneira de falar, detectaremos algo que vai mostrar o quanto as concepções sobre a forma de falar podem afetar as atitudes linguísticas dos falantes.

Mudar o sotaque por causa de rótulos linguísticos é uma problemática complexa, pois a maneira de falar de determinado indivíduo é desenvolvida ao longo da vida, é algo que ocorre naturalmente, pois o falante vai absorvendo características do modo de falar de acordo com o meio em que ele está inserido. Podemos dizer também que isso afeta na própria identidade do ser, do falante. Sobre a normalização de determinada identidade, Silva (2000, p.83) ressalta que:

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença > normalizar significa eleger –arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as

características positivas possíveis, em relação às quais as outras só podem ser avaliadas de forma negativa.

Aplicando essa ideia ao que está sendo discutido, entendemos que a problemática de selecionar determinada maneira de falar como o padrão a ser seguido, seria basicamente, a elevação e normalização da forma de falar mais favorecida como modo correto de falar, diminuindo as variantes menos favorecidas, desse modo, hierarquizando as identidades de fala, ou melhor, as variedades.

Recapitulando a questão; “Você mudaria a forma de falar em relação a pronúncia das consoantes “t” e “d”?” Refletimos que caso o entrevistado responda que “sim”, é interessante que o pesquisador explique o porquê de determinada forma de falar não precisa ser alterada, e que exprima também sobre importância da fala como parte da identidade do ser humano.

Na oitava questão, colocamos uma pergunta para averiguar se o falante já foi vítima de preconceito linguístico, então, formulamos a seguinte indagação; “Você já sofreu algum preconceito linguístico por causa da forma que você fala?”. Optamos por colocar essa questão como pergunta e não no modelo da escala de Osgood, para que o falante tenha a oportunidade de falar e se expressar, caso tenha vivido algum tipo de experiência nessa situação.

Esse tipo de pergunta pode mostrar ao pesquisador alguns tipos de situações de preconceito linguístico vividas pelos falantes. Com isso, o pesquisador pode até mesmo no final da pesquisa falar quão errônea e equivocada é a prática desse tipo de atitude, e pode falar um pouco da beleza que existe na heterogeneidade da fala. Pessoas que já passaram por alguma situação negativa em relação a sua fala, podem ficar retraídas e até mesmo terem atitudes que “maquiem” a real maneira de falar devido algum constrangimento vivido. Então é fundamental que as variantes menos favorecidas sejam valorizadas.

Na nona questão, trazemos uma pergunta parecida com a citada anteriormente, com o diferencial que nesta será questionado algo mais específico; “Você já sofreu algum preconceito linguístico por causa da forma que pronuncia as consoantes “t” e “d”?”. Com essa indagação descobriremos se o entrevistado já passou por alguma situação em que foi vítima de preconceito linguístico sobre a não palatalização das plosivas alveolares “t” e “d”.

A décima e última questão obtemos a estrutura por meio de CARDOSO (2015), porém fizemos algumas adaptações, nela trouxemos novamente a escala de

Osgood, mas nesta proposta, diferentemente de CARDOSO (2015), ao invés de colocarmos uma fala para ser escutada em áudio, optamos por pedir que o entrevistado ouça a leitura de um poema que explore a não palatalização de “t” e de “d”.

Escolhemos então o poema *Faróis distantes* de Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Álvaro de Campos, pois encontramos neste respectivo poema as consoantes “t” e “d” precedendo as vogais “e” e “i”, possibilitando então, que o entrevistado escute os efeitos acústicos da não palatalização, como podemos ver nas partes que destacamos no poema:

Faróis **distantes**,
De luz subitamente tão acesa,
De noite e ausência tão rapidamente volvida,
 Na **noite**, no convés, que consequências aflitas!
 Mágoa **última** dos despedidos,
 Ficção **de** pensar...

Faróis **distantes**...
 Incerteza da vida...
 Voltou crescendo a luz acesa avançadamente,
 No acaso do olhar **perdido**...

Faróis **distantes**...
 A vida **de** nada serve...
 Pensar na vida **de** nada serve...
 Pensar **de** pensar na vida **de** nada serve...

Vamos para longe e a luz que vem **grande** vem menos **grande**.
 Faróis **distantes**...

Depois que o entrevistado ouvir a leitura do poema, apresentaremos a seguinte afirmação; “O sotaque da leitura que acabou de ouvir é”, com isso, vamos trazer duas escalas, na primeira colocaremos aos dois extremos os adjetivos “agradável e desagradável” e na segunda escala colocaremos os adjetivos “bonito e feio” e por fim pediremos que o entrevistado fale sobre o que achou e quais foram as impressões que ele teve após ouvir o áudio da leitura. Nessa última questão, o objetivo é que além da identificação dos níveis possamos ouvir o entrevistado se expressando sobre a variante que ouviu.

Mediante a todas essas questões propostas podemos refletir que fazer a avaliação do modo de falar das pessoas contribui para que possamos compreender melhor o que determinados falantes pensam sobre sua fala ou sobre determinada

forma de falar. Destarte, podemos compreender melhor a visão do falante, o que levou este a pensar de determinada maneira, a atitude que ele pratica por causa de tal pensamento, entre outros aspectos importantes. No final desse tipo de pesquisa, dependendo dos resultados, o pesquisador pode falar um pouco sobre a variação linguística contribuindo no combate ao preconceito linguístico.

Além disso, esse tipo de avaliação pode ajudar professores de língua portuguesa na sala de aula, pois, se o professor tiver acesso a esse tipo de avaliação social, ele compreenderá os fatores envolvidos nessa problemática e poderá até mesmo combater o preconceito linguístico, desmistificando alguns rótulos que são colocados sobre as variações linguísticas, como por exemplo, a ideia de que determinada fala é mais bonita que outra, etc. Sobre essa perspectiva, os autores Bagno e Rangel vão trazer a seguinte colocação:

No ensino de língua praticado nas escolas, porém, as especificidades do português brasileiro são pouco ou mal reconhecidas e, no mais das vezes, quando mencionadas, se destinam a condenar os supostos “erros” cometidos pelos brasileiros ao falar/escrever. Nesse particular, uma das tarefas da educação lingüística seria propor estratégias para que o conhecimento acumulado acerca das características específicas da língua majoritária dos brasileiros alcançasse o ensino, interferisse na produção de materiais didáticos e, com isso, propiciasse o surgimento, na sociedade em geral, de uma atitude não depreciativa – e, ao contrário, valorizadora – das regras gramaticais caracteristicamente brasileiras e já definitivamente incorporadas à nossa atividade lingüística oral e escrita diária. (BAGNO, RANGEL, 2005, p.72.).

Conforme as considerações feitas por Bagno e Rangel, entendemos que há uma problemática no ensino da língua nas escolas pelo fator das particularidades que fazem parte do português brasileiro não serem abordadas, estudadas, expostas, como deveriam ser. Deveria ter um maior reconhecimento em relação as características do português brasileiro, por meio dos materiais didáticos, do ensino, abordando o aspecto plural da língua portuguesa, com todas as suas variedades.

A avaliação social sobre atitudes linguísticas, pode ser trabalhada de diversos modos na sala de aula, ela pode ser aplicada para os alunos, pode ser exposta para os alunos, causando diversas reflexões e discussões acerca da língua, de maneira que aproxima os estudos linguísticos da realidade vivida por cada falante que estiver na sala de aula.

Os estudos de avaliação social sobre atitudes linguísticas contribuem socialmente, erradicando crenças existentes na sociedade que sustentam o

preconceito linguístico, ampliando a visão das pessoas para a valorização das diversas variedades do português brasileiro.

3.3 Conclusão dos resultados

Mediante à análise feita, apresentamos um questionário que pode ser utilizado em uma entrevista como instrumento que proporcione uma avaliação social sobre atitudes linguísticas focando no fenômeno das plosivas alveolares /t/ e /d/. Com cada questão proposta podemos obter diferentes informações dos falantes abordados, envolvendo suas perspectivas e atitudes sobre a própria fala.

A importância de um trabalho como este, se consiste em conhecer o indivíduo como falante, observando fatores que implicam determinadas atitudes na ação da fala, observando aspectos que compõem determinada variação linguística e como o meio social implica nesses fatores.

Esta proposta de avaliação social pode ser aplicada em qualquer lugar em que as pessoas falem sem o fenômeno da palatalização na pronúncia das plosivas alveolares que foneticamente são representadas por /t/ e /d/. Essa variável pode ser encontrada em alguns lugares da região Nordeste, como Recife - PE, Mossoró – RN. Este tipo de sotaque tende a ser alvo de preconceito linguístico, por ser diferenciado do considerado “padrão”. Então, este tipo de trabalho pode modificar essa visão, quebrando os estereótipos que sustentam a ideia de que existe um determinado sotaque mais bonito, ou superior em relação ao outro.

Sobre o motivo de se fazer esse tipo de pesquisa, Cardoso (2015, p. 119) menciona que:

Mas por que pessoas avaliam outras, favorável ou desfavoravelmente, com base na fala delas? Por um lado, essa questão de valor está ligada a características não linguísticas. Alguém cuja fala sugere ter características de alto valor será naturalmente valorizado favoravelmente e inversamente para características que são tidas em baixa estima. Essas características com alto valor variam de sociedade para sociedade. Aqui no Brasil valoriza-se favoravelmente a fala carioca, uma vez que é dessa região que nasce a moda, desenvolve-se a cultura, afirma-se a nacionalidade. Por isso, a musicalidade da entonação carioca é carregada de atitudes positivas e as pessoas que usam essa musicalidade são altamente valorizadas. O Nordeste é a região da seca, da miséria, daí a grande migração para os estados do sudeste. Tudo isso faz com que o nordestino seja taxado negativamente onde quer que esteja.

Podemos compreender então que o preconceito linguístico, é sustentado por questões que estão além dos fatores linguísticos, envolvem aspectos sociais, econômicos, entre outros. Entrevistar o nordestino e saber como ele se sente mediante essa problemática, pode ser uma ferramenta para ajudá-lo a entender que a forma de falar dele não é inferior, e que não existe nenhuma que sobreponha à outra.

É importante entrevistar os falantes dessas regiões que tem a fala menos favorecida, para que as crenças errôneas sejam desconfiguradas da sociedade, com essa desconstrução, a visão existente da língua pode ser modificada, inclusive retirando a ideia de homogeneidade da língua.

Os estudos linguísticos possuem grande importância, pois modificam as perspectivas equivocadas acerca da língua e da fala. Trudgill, (1975, p, 209), traz a seguinte reflexão:

O estudo científico das línguas convenceu a maioria dos estudiosos de que todas as línguas, e conseqüentemente, todos os dialetos são igualmente 'bons' como sistemas linguísticos. Todas as variedades de uma língua são sistemas estruturados, complexos, governados por normas inteiramente adequadas às necessidades de seus falantes. Daí se conclui que juízos de valor sobre a correção e a pureza de variedades linguísticas são muito mais sociais que linguísticas. Não há nada inerente nas variedades não-padrão que as faça inferiores. Qualquer aparente inferioridade é devida somente à sua associação com falantes de grupos desprivilegiados e subcategorizados. Em outras palavras, atitudes para com dialetos não-padrão são atitudes que refletem a estrutura social de determinada sociedade.

Em suma, constatamos que o “valor social” acaba sendo atrelado ao “valor linguístico” de determinado falante, o que acaba se tornando em uma associação preconceituosa, que por meio da Sociolinguística, ciência que estuda a língua levando em consideração os aspectos sociais, pode ser combatida, pois por meio dela os estudos linguísticos atingem os aspectos que estão além dos linguísticos. Sendo então levado em conta a esfera social em que determinada língua está inserida, e todo o envolvimento que há entre língua e sociedade.

As pesquisas sobre atitudes linguísticas têm a capacidade de ampliar a discussão sobre as questões de prestígio e desprestígio, mas isso, não se relacionando apenas a fala de determinado indivíduo, mas também em relação à comunidade a qual o falante pertence. Pretendemos em trabalhos futuros aplicar a intervenção da proposta apresentada neste trabalho, para que obtenhamos resultados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas sobre Atitudes linguísticas podem ampliar diversas discussões, nesta pesquisa, tivemos como objetivo geral apresentar uma proposta de avaliação social sobre atitudes linguísticas na finalidade de descobrir o que determinados falantes explicitam sobre si e sobre outras variantes, especificamente focando nas plosivas alveolares /t/ e /d/.

Demonstramos como fazer uma avaliação social sobre as atitudes linguísticas de forma que os indivíduos tenham abertura em se expressar acerca da maneira que usam a língua e como veem a sua própria variação.

Apresentamos aspectos metodológicos importantes para obter um bom resultado neste tipo de pesquisa. Na proposta, trouxemos um questionário como um instrumento para ser utilizado na avaliação social no formato de uma entrevista, possibilitando o pesquisador analisar a perspectiva que determinados indivíduos possuem sobre a forma que usam sua língua, e como veem a sua própria variação.

As questões foram divididas em dois tipos, em algumas optamos por sugerir perguntas abertas, objetivando que o entrevistado tenha a oportunidade de se expressar mediante a pergunta feita. O outro tipo de questão que trouxemos, tinha na estrutura o modelo da escala de Osgood de maneira adaptada, baseada em Cardoso (2015), de modo que o entrevistado ao ser abordado possa responder de acordo com os níveis de seu pensamento acerca das afirmações colocadas nas questões.

Cada questão foi proposta na finalidade de obter informações do falante que contemplem algumas discussões importantes acerca da fala, de maneira que incluamos assuntos como; a problemática do preconceito linguístico de modo geral, o preconceito linguístico relacionado à forma de reprodução das plosivas alveolares /t/ e /d/ caracterizada pela não palatalização e o que o falante pensa sobre sua própria fala. Como resultado obtemos um modelo que pode ser seguido na tipologia de pesquisa de avaliação social sobre atitudes linguísticas relacionadas as plosivas alveolares /t/ e /d/.

O tipo de pesquisa proposto serve para o conhecimento e reflexão acerca das atitudes linguísticas de determinados falantes, sendo esta pesquisa aplicada, será obtido o pensamento de determinado falante sobre sua própria fala, será possível

também saber se os falantes acham que existe um sotaque mais bonito que outro, será possível também descobrir se há uma preferência entre a palatalização ou não das consoantes “t” e “d” quando precedentes da vogal “i”, será possível saber se os falantes identificam em sua convivência a presença de alguém que pronuncie as consoantes “t” e “d” de maneira diferenciada em relação ao falante entrevistado, possibilitará também a descoberta do que o falante pensa sobre sua forma de falar e se ele mudaria algum aspecto em relação à sua fala, será possível também saber se o falante que não faz o uso da palatalização mudaria esse aspecto em sua fala, se o falante já sofreu em algum momento como vítima de preconceito linguístico, se ele já sofreu preconceito linguístico devido a não palatalização das plosivas alveolares /t/ e /d/, e por fim, saber a opinião do entrevistado ao ouvir em áudio a fala de alguém que não utiliza a palatalização.

Por meio do tipo de pesquisa proposto, o próprio pesquisador, quando todas as respostas forem obtidas, poderá compartilhar um pouco sobre a visão da sociolinguística em relação às variações, de modo que o falante possa ter sua visão ampliada, quanto ao valor de sua variante e sobre a importância das peculiaridades do modo de falar de cada um, tendo em vista que a fala é algo constituído socialmente e é algo que faz parte da própria identidade do falante. Em suma, o pesquisador obterá o ponto de vista do falante acerca de sua própria fala, e o falante entrevistado terá sua visão ampliada sobre os aspectos heterogêneos da língua.

5 REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, V. 1. MUSSALIM & BENTES (orgs.). – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

ALLPORT, Gordon W. [1935] *Attitudes*. In: FISHBEIN, Martin (org.) **Readings in attitude theory and measurement**. New York, John Wiley & Sons, p. 1-13, 1967.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 29ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BAGNO, Marcos. RANGEL, Egon de Oliveira. **Tarefas da educação linguística no Brasil**. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v. 5, n. 1, 2005.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, edição 48ª e 49ª, 2007.

BARCELOS, A. M. F. **Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas**. In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA ABRAHÃO, M. H. (Org.). *Crenças e Ensino de Línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, p. 15-42, 2006.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes linguísticas em Cáceres – MT: efeitos do processo migratório**. (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BRIGHT, William. **Dialeto social e história da linguagem**. In FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CARDOSO, Denise Porto. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. Rio de Janeiro; Editora Edgard Blücher Ltda, 2015.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo; Scipione, 1999.

CALLOU, Dinnah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CALVET, L. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. **Duas fases na aquisição de padrões linguísticos para adolescentes**. Dissertação de Mestrado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1978.

CEZARIO, M.M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, M.E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

FRAGA, Letícia. **Os “holandeses” de Carambeí**: estudo sociolinguístico. Campinas, SP. (Tese de Doutorado), 2008.

FREIRE, Josenildo Barbosa. **Avaliação e atitudes linguísticas**; o caso de Nova Cruz – RN. (SEEC-RN). 2016.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. **A língua portuguesa no Brasil**. Cienc. Cult. vol.57 no.2 São Paulo Apr./June,2005.

HORA, Dermeval da. **Teoria da Variação**: Trajetória de uma Proposta. In: HORA, Dermeval da (org). Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade. João Pessoa, 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **O tamanho do Brasil**. Disponível em: <https://cnae.ibge.gov.br/en/component/content/article/97-7a12/7a12-voce-sabia/curiosidades/1629-o-tamanho-do-brasil.html>. Acesso em: 02 set. 2021.

LAMBERT, William W. e LAMBERT, Wallace E. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalhos científicos. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde.11. ed. São Paulo: Hucitec,2008.

MONTEIRO, J.L. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p. 9-14, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília. **A formação em linguagem**. In. MOLLICA, Maria Cecília (ORG.). Linguagem: para formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia. São Paulo: Contexto, 2009

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza, (orgs.). **Introdução a Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MURAD, Carla Regina Rachid Otavio. **O Funcionalismo e o Gerativismo**: principais características e expoentes. *Nucleus*, v.8, n.2, p. 349, out.2011.

PESSOA, Fernando. Não atribuído a Campos: **Álvaro de Campos - Livro de Versos**. (Edição Crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993.

ROCKEACH, Milton. Naturaleza de las actitudes. **Enciclopedia internacional de las ciencias sociales**, vol.I, Madrid, Aguilar, p. 14-21, 1974.

SILVA, Hélen Cristina da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. **O PODER DE UMA DIFERENÇA**: UM ESTUDO SOBRE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS. *Alfa*, rev. linguíst. (São José Rio Preto), São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a proposta dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. S. Paulo: Ática, 1985.

TARALLO, F. “**Por uma sociolingüística românica ‘paramétrica’**: fonologia sintaxe”. *Ensaios de Lingüística* 13: 51-83, 1987.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics**; an introduction. Middlesex, England, Penguin Books, 1975.

WOLK, Wolfgang. (1973) Attitude toward Spanish and Quechua in bilingual Peru; In: FASOLD, Ralph W. (ed.) **Variation in the form and use of language** – A sociolinguistics reader, Georgetown University Press, Washington, p. 370-388, 1983.

6 ANEXOS

Quadro explicativo inspirado em informações trazidas por Cardoso (2015), com a finalidade de guiar em como responder as questões baseadas na adaptação da escala de Osgood.

<p>Se você estiver totalmente de acordo; Agradável X: __: __: __: __: __ desagradável</p>
<p>Se você está de acordo, marcar Agradável __: X: __: __: __: __ desagradável</p>
<p>Se você está mais ou menos de acordo, marcar Agradável __: __: X: __: __: __ desagradável</p>
<p>Se você está mais ou menos contrário, marcar Agradável __: __: __: X: __: __ desagradável</p>
<p>Se você está contrário, marcar Agradável __: __: __: __: X: __ desagradável</p>
<p>Se você está totalmente contrário, marcar Agradável __: __: __: __: __: X desagradável</p>
<p>1. Você só deve colocar um X entre dois pares de palavras.</p>
<p>2. Coloque o X no meio do espaço, não nos pontos demarcados (:) Assim Assim não X:__:__:__:__X__</p>

Fonte: Cardoso (2015, p. 125-126)

Questionário

- Gostaríamos de saber o que você acha da fala, ou seja, do modo de falar das pessoas que não chiam nas consoantes t e d. Com essa finalidade, elaboramos um questionário com dois tipos de questões, em algumas questões você irá apenas responder perguntas e em outras você irá marcar com um (X) no espaço que melhor descreve ou se aproxima mais de sua opinião. Para responder, você terá uma escala e você marcará o que é mais próximo da forma que você pensa.

1) Na sua opinião, existem sotaques mais bonitos que outros.

Concordo __: __: __: __: __: __Discordo

2) Acho bonito quando uma pessoa chia nas consoantes t e d. Por exemplo; “tchitchia”, “djia”.

Concordo __: __: __: __: __: __Discordo

3) Acho bonito quando uma pessoa pronuncia a palavra dia sem chlar nas consoantes t e d. Por exemplo; “titia”, “dia”.

Concordo __: __: __: __: __: __ Discordo

4) Você conhece alguém que pronuncia as consoantes t e d diferente de você?

5) O que você acha da sua forma de falar?

6) O que você mudaria em sua forma de falar?

7) Você mudaria a forma de falar em relação a pronúncia das consoantes “t” e “d”?

8) Você já sofreu algum preconceito linguístico por causa da forma que você fala?

9) Você já sofreu algum preconceito linguístico por causa da forma que pronuncia as consoantes “t” e “d”?

10) Agora você ouvirá a leitura de um poema. Só responda às questões depois de ouvi-la com atenção porque ela não será repetida. O sotaque da leitura que acabou de ouvir é;

Agradável ___: ___: ___: ___: ___: ___ desagradável

Bonito ___: ___: ___: ___: ___ feio

Fale sobre o que você acha e quais impressões você teve após ouvir esta leitura.



Faróis

Distantes-Álvaro de C

Faróis distantes (Álvaro de Campos) – Fernando Pessoa

Faróis **distantes**,

De luz subitamente tão acesa,

De noite e ausência tão rapidamente volvida,

Na **noite**, no convés, que consequências aflitas!

Mágoa **última** dos despedidos,

Ficção **de** pensar...

Faróis **distantes**...

Incerteza da vida...

Voltou crescendo a luz acesa **avançadamente**,

No acaso do olhar **perdido**...

Faróis **distantes**...

A vida **de** nada serve...

Pensar na vida **de** nada serve...

Pensar **de** pensar na vida **de** nada serve...

Vamos para longe e a luz que vem **grande** vem menos **grande**.

Faróis **distantes**...